

Simultâneo e Transversal, desenho e crítica no ensino de projeto da FAUUSP

Simultáneo y Transversal, diseño y crítica en la enseñanza del proyecto en la FAUUSP

Sessão Temática: ST01. O processo de projeto

GRINOVER, Marina; Doutora e Pós-doutora USP; Arquitetura e Urbanismo FAAP

Resumo

Simultâneo e transversal é o processo pelo qual estudantes aprendem a relacionar as questões do campo da arquitetura através da expressão gráfica, do desenho como projeto, que contém uma intenção de mundo. A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP) foi pioneira na formulação de uma particular pedagogia para a profissão ao associar, no programa disciplinar, valores intelectuais éticos e erudição técnica, a partir de 1948. Ainda hoje, passados 70 anos, o curso se reinventa buscando compreender a potência destas raízes históricas no contexto contemporâneo. Este artigo estrutura-se na problematização desta trajetória pedagógica em diálogo com os diferentes contextos que acompanham a história da arquitetura moderna e contemporânea no Brasil. Busca, portanto, ser uma contribuição às discussões sobre a relação entre teoria e prática no ensino da arquitetura e do urbanismo ao examinar os termos desenho e crítica na formulação do curso na FAUUSP.

Palavras-chave: ensino, desenho como projeto, pensamento crítico.

Abstract

Simultaneous and transversal is the process by which students learn to relate issues in the field of architecture through graphic expression that contains an intention of the world. The Faculty of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo (FAUUSP) was a pioneer in the formulation of a particular pedagogy associating, in the program, ethical intellectual values and technical erudition. Even today, the course reinvents itself seeking to understand the power of these historical roots in the contemporary context. This article is structured around the problematization of this pedagogical trajectory in dialogue with the different historical contexts of architecture in Brazil. Therefore, it seeks to be a contribution to the discussions on the relationship between theory and practice in the teaching of architecture and urbanism by examining the terms design and criticism in the formulation of the course at FAUUSP.

Keywords: learning, design as project, critical thinking.

“Desenhar uma linha é ter uma ideia. Mais de uma linha é geralmente uma construção. As ideias se combinam assim que você faz a segunda linha. O desenho é a maneira pela qual eu levo adiante um monólogo interior com o ato de fazer no momento exato em que é feito.” Richard Serra, 1977

1. Introdução

As relações entre desenho e arquitetura são viscerais para seu campo de atuação. Há uma ampla gama de possibilidades de articulação entre uma linguagem intrínseca à expressão humana e a realização do espaço construído, pois arquitetura como fim é construção, transformação do mundo real para abrigar a vida, mas como meio contem o desenho como uma de suas melhores formas de expressão. As questões que este texto procura problematizar estão delimitadas ao contexto do ensino e do aprendizado de arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Ao examinar a trajetória pedagógica da FAUUSP, buscamos transpor as relações ditas antagônicas entre “teoria” e “prática” no ensino do fazer arquitetura, examinando como se ensina a projetar naquela escola. Nesta leitura emana o papel estruturante do desenho como conhecimento e expressão de ideias diante do mundo. Vem à tona uma postura, desejável aos alunos e realizada pelos professores, que atribui valor à realidade e estabelece um conjunto de possibilidades a partir de um estado crítico do pensamento em ato, no fazer do desenho, como descrito por Richard Serra. Foi no estudo sobre o par conceitual “desenho” e “crítica” como categorias epistemológicas complementares no processo criativo, que investigamos, a partir da história do ensino de projeto no Departamento de Projeto da FAUUSP um modo particular de pensar e fazer arquitetura.

As significações, ambiguidades e definições do desenho estão imbricadas nos diversos estudos da linguagem que, em sua maioria, tomam a expressão não verbal como ontológica das ações humanas de compreensão e impressão sobre o mundo e de comunicação ao próximo, diz-se comumente que todos sabemos desenhar (MUBARAC, 2019). O desenho, assim como outras expressões corpóreas, pertence a um campo de conhecimento sobre nós, seres humanos e nossa natureza cognitiva, de diálogo, de comunicação. No caso do Brasil e do ensino técnico, desde o século XIX podemos reconhecer iniciativas mais enfáticas e estudos que buscam estabelecer o uso do desenho para a formação geral e técnica de nossa sociedade. O texto de Joachim Lebreton para o estabelecimento da Escola Nacional de Belas Artes, de 1816 (MUBARAC, 2019), foi o primeiro movimento nesta direção. Principalmente por defender uma formação técnica e artística a um só tempo, onde o desenho seria a linguagem técnica e estética de uma nova nação. E também o texto de Rui Barbosa enaltecendo a fundação do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, em 1882 (MUBARAC, 2019) na qual seria o momento de formação de um quadro técnico apto aos anseios de uma nação republicana. Depois, nos anos 1940, com o Ministério da Educação e Cultura, Lucio

Costa e Mario de Andrade (ANDRADE, 1975) escrevem textos fundamentais sobre o papel do desenho na educação e na formação humana, definindo seus valores modernos em nossa cultura híbrida. Ambos expressaram os antagonismos sobre o que é o desenho, o desenho como expressão de uma apreensão do mundo, o desenho como antevisão de um outro mundo, o desenho como projeto de mundo.

A FAUUSP e seus professores também debateram o papel do desenho na formação dos arquitetos de modo contundente. Desde as primeiras formulações do curso, em 1948, (FAU, 2018) que o debate sobre o que é o projeto de arquitetura e de urbanismo, sobre qual a função da profissão na sociedade industrializada que se planejava, qual aprendizado seria necessário para formação de uma erudição técnica e estética a um só tempo, foram discutidos nestes anos de fundação. Este debate se aprofundou com o texto-aula do arquiteto Vilanova Artigas, “O Desenho”, de 1967 (ARTIGAS, 2004), consolidando as premissas originárias da escola onde o desenho seria a ferramenta de ação ética e técnica dos arquitetos. O texto do professor Flávio Motta, “Desenho e emancipação”, de 1970 (CAMELO, 1992) no qual o pedagogo apontava a importância educativa e emancipatória de um desenho, projeto que contivesse a consciência sobre o mundo presente e aquele desejado. E ainda o texto do arquiteto Sergio Ferro, “O canteiro e o desenho”, de 1977 (ARANTES, 2006), que explicitou o estudo das contradições no processo de produção da arquitetura, onde o desenho ou o projeto, apartado do canteiro de obras, conteria também as explorações capitais do trabalho obreiro e do trabalho inventivo da arquitetura. Ainda é preciso lembrar que as definições e práticas do desenho eram pauta cotidiana nas aulas da artista plástica Renina Katz, nos anos 1950 (ABRAMO, 2003). Onde desenho era designo, a ideia de realizar algo, o desenho como projeto. E também o debate dos estudantes, nas revistas “Ou...” e “Desenho” nos anos 1970, “Caramelo” nos anos 1990 e “Contraste” já no século XXI, onde a função do arquiteto na sociedade e quais aprendizados importavam para uma inserção social e técnica, configuraram os debates impressos. Naquela faculdade se fez uma discussão importante sobre o desenho imprimindo precisão ao termo, à esta linguagem que contamina e é contaminada por outras esferas do problema da expressão, da representação de ideias e ações sobre o mundo no campo da arquitetura. As questões éticas, ideológicas, estéticas e técnicas permearam o estudo sobre o desenho, o fazer arquitetura e o ensino, até hoje.

A posição destes professores para a trajetória pedagógica da escola esteve apontada nestes textos seminais sobre a relação do desenho com a arte e a técnica, sobre a ideia força de que desenho é comunicação e portanto acessível a todos, de que seus domínios elaboram consciência e pertencimento, mas também que há uma perversa exploração deste saber e fazer que se expressa na execução da obra, principalmente em países de frágil base técnica como o nosso. A história desta discussão pertenceu aos diferentes momentos de formulação do curso de arquitetura e urbanismo na FAUUSP.

Figura 1: Estúdio de Projeto FAUUSP 1955



Fonte: Acervo João Xavier, foto João Xavier

2. Ensino e aprendizado de projeto na FAUUSP

Mergulhar neste universo sobre o que é e como se faz o desenho do projeto arquitetônico, despertar a curiosidade pelo desenho, elaborar modos de educar os estudantes para esta atividade, compõem o contexto no qual as questões da arquitetura e do urbanismo se apresentam no ensino da profissão, na FAUUSP e em todas as escolas fundadas desde a vinda de D. João em 1808. Este campo científico-prático da arquitetura, depende, articula, e emula outras disciplinas no ato projetual, que por sua natureza de síntese, é transdisciplinar, atravessando diferentes campos de conhecimento.

Na trajetória histórica de elaboração do ensino do projeto na FAUUSP, ancorada no debate acadêmico sobre os preceitos, as hipóteses e os necessários desdobramentos que a realidade e a prática impõem ao exercício profissional, reconhecemos um projeto pedagógico idealizado e praticado constantemente, uma busca para o lugar da profissão na cultura urbana ao mesmo tempo em que se elaboravam os valores desta cultura. Uma escola que começou fundada nas utopias modernas brasileiras, nos anos 1940 e 1950, e foi se ajustando à medida que as condições externas e internas à universidade foram se transformando. Hoje, o ensino público de massa traz suas pautas, e, portanto, aponta para que a Universidade seja um

laboratório aberto a romper dogmas e paradigmas constituídos na história sem abandonar suas conquistas.

Reconhecemos uma escola que persegue seu significado dentro da Universidade Pública, buscando ensinar em relação ao necessário significado da profissão no meio cultural, tecnológico, político e científico, em cada tempo presente e futuro, e que, buscou trazer para o estúdio de projeto as inquietações do cotidiano, constituindo um arcabouço empírico em constante atrito (e também no sentido positivo) com os saberes eruditos.

O processo de consolidação, a história da fundação, a precisão e as adaptações do curso de Arquitetura e Urbanismo da USP fez emergir um plano pedagógico que se fez no caminho, que apontou modos de sobrevivência de um ideário de origem, mas que também ganhou adaptações, legitimamente realizadas, para continuar a existir, para continuar a investigar, pela expressão do desenho e da crítica, uma pedagogia para a formação de arquitetos e urbanistas. A FAUUSP, nestes pouco mais de 70 anos, fez do debate sobre o ensino uma plataforma para discutir, elaborar e experimentar os valores do desenho e da crítica, seja de modo social, seja no processo fabricante, como pilares de uma pedagogia voltada para a formação de um profissional “preocupado”, para usar a palavra de Flávio Motta (MOTTA, 1975), com os destinos da sociedade, da cidade, da construção, de nosso habitat.

Esta trajetória pode ser entendida em três momentos, assim resumidos: um período de formulação inicial desde os debates nos encontros do IAB-SP, em 1945, e a fundação da faculdade, em 1948 (GFAU, 1956), mas que se consolida no Fórum de 1968, a partir da Reforma Curricular, de 1962 (GRINOVER, 2021), caracterizando um momento introspectivo de configuração da faculdade, de acomodação das “cátedras” da Escola Politécnica com a introdução de disciplinas do campo das Humanidades, da História da Arte, da História da Arquitetura e do Urbanismo (VARGAS, 2015). O debate, pautado pela defesa da profissão de arquitetura em distinção da profissão da engenharia civil, abriu caminho para a introdução de uma formação intelectual marxista com fundamentos sociológicos e historiográficos, simultaneamente ao ensino da estética moderna ao lado da formação das ciências da natureza e da construção. Uma precisão dos fundamentos do ensino de projeto diante das diferentes áreas de atuação profissional, da “cidade à colher”, como preconizou a Bauhaus, (ARGAN, 1992) configurando os grupos disciplinares do Departamento de Projeto com ênfase na industrialização. Até hoje a Faculdade organiza-se em três departamentos – Departamento de Projeto, Departamento de História e Fundamentos e Departamentos de Tecnologia (USP, 1966) que conduzem a rotina de ensino integral em cinco anos de formação. É também deste período a construção do edifício sede na cidade universitária entre 1962 e 1968, projeto de Vilanova Artigas (1918-1985) (ARTIGAS, 1997), que faz a síntese espacial deste projeto pedagógico (BAROSSO, 2015).

Do ponto de vista do desenho, entendido como projeto, o desafio metodológico neste período foi se desvencilhar das cátedras que tinham como método de ensino a aplicação de composições, o que significava o estudo de referências exemplares, inclusive modernas, mas

que deveriam ser, em grande medida, reproduzidas como nos manuais do século XIX. Diante dos estudos da arte moderna, que buscava elaborar uma análise propositiva e estruturante da forma para a criação da obra, como colocado por Giulio Carlo Argan (ARGAN, 1998), o grupo de professores engenheiros-arquitetos, desejava romper o método de composição, trazendo a elaboração da forma a partir do estudo de suas estruturas articuladoras, no caso a geometria analítica dos esforços e as razões universais de seus modos fabricantes, expressos pelo desenho, dando importância ao curso das ciências da natureza e da construção industrializada no Departamento de Tecnologia. Os estúdios de projeto seriam assim, o ambiente para um processo criativo analítico e crítico da arquitetura moderna, que seria estudada no Departamento de História e Fundamentos, juntamente com uma erudição da História da Arte e da Arquitetura.

Figura 2: Expo-FAU no Salão Caramelo, anos 1980



Fonte: Acervo VideoFau, autor desconhecido

O segundo período, de 1968 até 1998, abarcou tanto as constrições da Ditadura Militar quanto a abertura política, exigiu da FAUUSP uma adaptação impulsionada pelo contexto socioterritorial das cidades e a preponderância do mercado imobiliário liberal diante de uma falência social de processos técnicos industrializados e de um país com uma “democracia à metade” como escreveu Mario Pedrosa (PEDROSA, 2015). Com o crescimento da escola, seja em número de estudantes quanto de professores (SANTOS, 2018), dissiparam-se as iniciativas tanto nos grupos que defenderam a luta política contra a Ditadura Militar sem o projeto, sem desenho, quanto aqueles que desejaram revigorar o papel do projeto, pelo desenho como elaboração de soluções para a precariedade, para a cidade existente, para os

problemas ambientais que emergem no contexto da crise econômica e política dos anos 1980 e 1990 no Brasil (SCHWARCZ, 2015). E mais, tudo o que pudesse estar entre um campo específico da linguagem da arte, do desenho como expressão, e tópicos das ciências políticas que incidissem sobre o urbano, cuja ética se estrutura no humanismo ativista, puramente. É quando se institucionalizaram os laboratórios de pesquisa acadêmica e a FAUUSP se fortaleceu como centro de pesquisa e extensão no cenário nacional e latino americano.

Do ponto de vista do desenho, este período pode ser caracterizado por uma elaboração e precisão das especificidades de cada disciplina da linguagem arquitetônica, um modo bastante particular da FAUUSP de ensinar o desenho ou o projeto, a partir dos diferentes modos de exercício profissional, caracterizado pelas sequências no Departamento de Projeto (edifício, planejamento, paisagem, desenho industrial e desenho gráfico), tendo como questões centrais seus modos fabricantes e o ambiente urbano. Mesmo que no discurso o desenho fosse a unidade de pensamento e exercício profissional, estas décadas caracterizam-se por uma elaboração das autonomias de cada sentido de projeto na formação do arquiteto. O ativismo político, a aderência, ou não, ao sistema econômico e político caracterizou fortemente a ação de cada grupo disciplinar já que o país vivia a explosão urbana, a crise econômica e os desafios da democracia convivendo com políticas sociais, liberais e violência urbana. Na história da arquitetura o período pós-moderno explicitou a relação de dependência de certa arquitetura ao jogo corporativo liberal e a incapacidade do Estado em planejar a ação diante da precariedade urbana.

No terceiro período, de 1998 a 2018, uma geração de professores formados no período anterior ingressa na FAUUSP buscando alternativas para revalorizar a ação social da arquitetura, retomando tópicos originários da escola, agora em chave contemporânea, repensando a utopia moderna e reconhecendo o descolamento da profissão como protagonista das ações territoriais. E mais, percebendo que a autonomia do desenho, do projeto, não tem consistência diante das rápidas mudanças da sociedade digital e da precariedade urbana, outros modos de ensino entraram na rotina acadêmica. A constatação das qualidades interdisciplinares do “fazer” na arquitetura abriu o diálogo para o desenho e o pensamento crítico serem parceiros de um conjunto polifônico de leituras e premissas diante dos problemas urbanos, seja dentro da instituição, em grupos de pesquisa interdepartamentais, seja com outras unidades dentro e fora da USP, ou nas atividades de extensão. O exercício de projeto se estabeleceu também como atividade coletiva, imprimindo uma ética atenta aos paradoxos do sistema socioeconômico e o desenho, diante dos instrumentos digitais, ganhou a possibilidade de ser novamente síntese de conteúdos comuns. Reconheceu-se os paradigmas de um ensino livre e investigativo onde a busca por uma erudição na linguagem da arquitetura tencionou as urgências da ação técnica diante das enormes lacunas de nossa cultura de construção, da precariedade urbana e da destruição do meio ambiente.

Estes desafios perpassam as gerações, mesmo nos contextos diferentes de cada período. As possibilidades do projeto, do desenho, ser uma ferramenta de investigação pautada por

problemáticas que emanam do diálogo com a realidade é um instigante desafio, não só na FAUUSP. Hoje é o tempo de laboratórios experimentais de um desenho compartilhado, atento aos processos criativos e as diferentes formas de entendimento do fazer arquitetura, ora mais ativista, ora mais conceitual, mas ambos atentos às características relacionais da obra, buscando desfazer o distanciamento entre academia e mundo real.

Figura 3: Semana dos Bichos, 2018



Fonte: Acervo VideoFau, autor Diógenes dos Santos Miranda

3. Para continuar experimentando

Na história da FAUUSP o ensino procurou articular uma erudição das ciências da arte, da análise social e das ciências da técnica, pelo desenho. Desde o final do século XX persiste uma didática nas escolas de arquitetura no Brasil de separação do ensino do desenho deslocado dessa intenção, diferenciando habilidades gráficas, ou a prática com as diversas ferramentas de desenho do lápis ao modelo parametrizado, da formação do pensamento espacial, ou mesmo do pensamento visual, conhecimentos fundamentais para o projeto. As atividades didáticas da disciplina de plástica, originária na FAUUSP, hoje especializada em comunicação visual, história da arte, e estética foram e são fundamentais para a formação profissional, mas o desafio que ainda se apresenta é como esse processo pode acontecer simultaneamente por dentro da atividade projetual, no estúdio de projeto, fim para o qual o estudante busca o curso.

Naquela faculdade podemos verificar que o desenho significa construção, mas também olho do mundo, espaço imaginado, figura, imagem de um desejo de mundo; que desenho é forma e que conforma sentido e emoção; que desenho é razão, carga física e geometria; que é

denúncia de desigualdades e falta de direitos; que desenho analisa e dá valor a outros desenhos; que ele expressa um valor e leva ao posicionamento crítico do estudante e dos professores, o que serve ou não, o que se deve ou não fazer; o desenho pergunta: porquê? e para o quê?; o desenho indaga sobre a realidade e leva ao projeto que resolve e escolhe, que afirma um modo de ver e pensar; neste sentido, desenho é também a plataforma para conversar, para opiniões outras, fora e dentro daquele que desenha, desenho em arquitetura pode ser consenso de possibilidades.

A crítica, por sua parte, é ministrada como um estado atento, como uma ética que se ocupa de reconhecer no estudante, no profissional, o estar no mundo e qual mundo desejar, junto. Esse trânsito de significados pertence ao conjunto epistêmico na FAUUSP. A crítica como um refletir analítico constante, como quem recorta a realidade a partir da lente humanista, dialética e, portanto, inventiva. Há a crítica que denuncia e que julga, descolada de contextos processuais, há a história da crítica e a crítica que trava, pois reconhece que a arte de construir carrega todas as mazelas da exploração capital do trabalho e da terra. Mas seria por dentro deste fazer-se e pensar-se, deste estado crítico no sentido de ruptura, de curiosidade que a arquitetura e o urbanismo podem costurar possibilidades, pois, como escreveu Jean Marc Besse, o mundo é um inacabado, em constante existir e transformar (BESSE, 2015).

Deste modo, verificamos que a FAUUSP persegue o ensino pela ação projetual, no fazer o desenho, este estado analítico que vê e faz perguntas e vai ao campo e à realidade, com suas qualidades e conflitos, e escolhe as possibilidades, desejáveis, realizáveis, úteis. Desenho é ver e desenho é conhecer, como descreveu o professor Vespasiano Puntoni (GRINOVER, 2021). Ao perceber, aferimos, valoramos, estabelecemos um juízo, fazemos uma crítica pelo desenho, esse é o código da arquitetura. Num processo circular de precisão, ao projetar, também, selecionam-se elementos construtivos para ordenar o espaço, a partir de um juízo de valores, aprofundando conhecimentos e articulando, em outra ordenação, um processo de descoberta, de imaginação. Assim o desenho é crítica, o desenho é projeto. Não são pares contrapostos, são elementos articulados num mesmo simultâneo processo transversal de criação poética.

A FAUUSP é um exemplo pedagógico de laboratórios destes tópicos sobre o desenho e a crítica assim colocados neste lugar onde se experimenta, se investiga, se problematiza e se precisam estes tantos modos de dizer, projeto.

Reconhecemos, entretanto, ambiguidades e percursos com diferentes miradas, outras entradas e afinidades ideológicas, estéticas e técnicas do desenho na trajetória histórica da FAUUSP. Onde a unidade se encontra, de fato, na articulação destes diferentes saberes e visões pelo resultado dos trabalhos de investigação dos estudantes, nos estúdios de projeto, nos TFGs (Trabalho Final de Graduação) e nas pesquisas da graduação e da pós-graduação, são eles que fazem a síntese. As diferentes formas do pensamento organizado colaboram para manter ativa a perspectiva de aprimoramento do curso e da ciência da arte da arquitetura e do urbanismo, buscando preservar seu legado na história de ensino do país. Uma prática



pedagógica de natureza transdisciplinar que examina e interfere no mundo real a partir do diálogo entre contexto, pares e atores da vida em comum que, pelo ontológico valor do desenho, sedimenta simultaneamente diversos saberes.

Diante deste todo exposto, poderíamos pensar que simplesmente enalteçamos a escola, mas estas atribuições do desenho e da crítica são constatações em trânsito, resgatadas na história da FAUUSP e ainda estão latentes como tópicos de pesquisa e ensino a serem realizados. Nos parece que existe um entendimento tácito desta trajetória histórica que se precisa e se realiza cotidianamente nos diferentes modos como cada professor transmite aos estudantes estes saberes. Podemos dizer que são processos sistêmicos que acolhem preceitos, perguntas e atravessam respostas possíveis.

Como pesquisadora e professora acredito na força da arte, da arquitetura, no desenho como linguagem poética genuína para acender, provocar e investigar modos outros de ser e estar no mundo. Um mundo que se visto sem possibilidades é só tragédia, abismo e fim. Reconhecer a trajetória de escolas, como a FAUUSP, que propôs, de modo pioneiro, o exercício do desenho como campo técnico e estético para uma prática profissional atenta ao mundo que nos cerca, anima a aprimorar o ensino profissional sem deixar de inquietar-se por sua precisão. E que, justamente por estas inquietações, não seria mesmo o desenho, ou o projeto, um campo de possibilidades de mundos outros, de entendimentos outros, motivados pela curiosidade, pelo desejo de atravessarmos, juntos, este tempo de existência, como colocou Alberto Manguel?

“Concentração ou distração, perguntar para saber por que ou para saber como, questionar dentro dos limites do que uma sociedade considera permissível ou buscar respostas fora desses limites: essas dicotomias, sempre latentes no fenômeno da curiosidade, ao mesmo tempo dificultam e impulsionam adiante cada uma de nossas buscas.” (MANGUEL, 2016)

Referências:

- ABRAMO, Radha. **Renina Katz e sua arte, Radha Abramo entrevista Renina Katz**. In: Estudos Avançados. v.17. n.49. São Paulo. Set/out, 2003
- ANDRADE, Mario de. **Do desenho**. In: Aspectos das artes plásticas no Brasil. 2ª. Ed, São Paulo : Martins, 1975
- ARANTES, Pedro F. **Sérgio Ferro, arquitetura e trabalho livre**. São Paulo Cosac Naify, 2006
- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- _____. **História da Arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998
- ARTIGAS, J.B. **Vilanova: arquitetos brasileiros**. São paulo Instituto LBPMB, Fundação Vilanova Artigas, 1997
- _____. **Caminhos da Arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2004
- BAROSSO, Antônio C. **Edifício da FAUUSP de Vilanova Artigas**. São Paulo: Ed da Cidade, 2015
- BESSE, Jean Marc. **O gosto do mundo, cinco ensaios sobre paisagem**. Rio de Janeiro: ed UFRJ, 2015
- CARAMELO, Editoria. **Publicações, as revistas Desenho e Ou...** . In: Caramelo n.6, São Paulo: GFAU, 1992
- FAU. **Texto de Fundação da FAUUSP de 1948**. In: exposição FAU 70 anos, 2018
- FAU. **Histórico Brasileiro e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo**. FAUSP. Departamento de Projeto. ano:1966
- GFAU, Publicação **“Ensino de arquitetura, CFAU, Mario Wagner, Luis Saia, Vilanova Artigas, Lina Bo Bardi**. São Paulo: FAUUSP, 1956
- GRINOVER, Marina Mange. **Simultâneo e Transversal: desenho e crítica, apontamentos para laboratórios de ensino de projeto na FAUUSP**. Relatório Final de Pós-doutorado USP, São Paulo: FAUUSP, 2021
- MANGUEL, Alberto. **Uma história natural da curiosidade**. São Paulo: Cia das Letras, 2016
- MOTTA, Flávio. **Desenho e emancipação**. In: Sobre o desenho. São Paulo: Centro de estudos brasileiros do GFAU, FAUUSP, 1975
- MUBARAC, Cláudio. **Sobre o desenho no Brasil**. São Paulo: Editora da Cidade, 2019
- PEDROSA, Mario. **Ensaio Crítico V1 Arte e V2 Arquitetura**. São Paulo Ed. Cosac Naify, 2015

SANTOS, Luciene Ribeiro. **Os professores de projeto da FAU-USP (1948-2018): esboços para a construção de um centro de memória.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação da FAUUSP, São Paulo: FAUUSP, 2018

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia.** São Paulo: Cia das Letras, 2015

Universidade de São Paulo Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. **Departamento de Projeto Histórico Brasileiro e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.** São Paulo: FAUUSP, 1966

VARGAS, Eliana C. (coord.) **Programas Didáticos das Disciplinas do Curso de Arquitetura-Departamento de Projeto,1953-2013 - AUP FAU USP,** 2015